

Prefácio

No decurso dos últimos anos, o meio académico tem vindo a identificar ou a reivindicar a necessidade de as ciências sociais ou as humanidades atribuírem um maior enfoque ao estudo das mobilidades. Tal fenómeno tem sido apelidado *mobility turn* ou *new mobilities paradigm*, por diversos autores (Hannam *et al.* 2006; Sheller e Urry 2006). Esta mudança analítica encontra-se enraizada em pesquisas antropológicas de longa data, tais como os trabalhos de Clifford que apelam a que as viagens e os percursos sejam um verdadeiro objecto de estudo, lançando assim um desafio às noções reificadas de cultura como algo territorial, cercado e fechado (Clifford 1992, 1997). Esta mudança foi também inspirada por investigações sobre turismo (Sheller e Urry 2004; Urry 1990), sobre transporte (White e Senior 1983) e por estudos literários sobre viagens (Van Den Abbeele 1992), entre outros. O novo enfoque analítico nas mobilidades contemporâneas recupera todas estas tradições, mas pretende transcendê-las através de uma conceptualização mais holística do próprio conceito de mobilidade – de uma forma que outrora tinha sido desencorajada pelas barreiras disciplinares e subdisciplinares que separavam os estudos sobre transporte dos estudos sobre turismo ou as pesquisas sobre migração das investigações acerca das metáforas de viagem. Esta nova perspectiva propõe agora o reconhecimento não só do carácter maleável das pessoas, coisas e ideias que circulam por esse mundo fora (uma nova ontologia), como também de novos caminhos para pensar a sociedade actual sem relegar a mobilidade para um plano inferior às noções de espaço e lugar (uma nova epistemologia móvel).

Os estudos sobre mobilidade têm também vindo a sustentar-se em novos métodos e metodologias, isto é, em renovadas formas de *fazer*. Se realmente queremos compreender as pessoas, coisas e ideias enquanto elas se movem, talvez não seja muito produtivo fazê-lo através de métodos estanques, situados num mesmo lugar. Talvez tenhamos de explorar os diversos sítios por onde as coisas passam (etnografia multissituada) ou até mesmo seguir os objectos e as pessoas nas suas deambulações (etnografia móvel) (Büscher e Urry 2009; Cook 2004). Neste sentido, têm emergido novos tipos de pesquisas etnográficas preocupadas em analisar as microgeografias da vida na estrada, quer estejamos a falar de passageiros de um comboio ou de vendedores ambulantes (Bissell 2010; Laurier *et al.* 2008). «Mobilizar» metodologias significa evitar análises à mobilidade com perspectivas epistemologicamente baseadas no sedentarismo.

Embora muito deste trabalho seja oriundo do Reino Unido, um considerável número de pesquisas sobre mobilidade tem despontado no Norte da Europa e na Escandinávia (Bergmann e Sager 2008; Jensen 2009; Larsen *et al.* 2006; Uteng e Cresswell 2008). A própria Suíça não só criou recentemente diversos postos de docência na área das mobilidades como produziu também frutíferos contributos para este debate (Kaufmann 2002). Conferências e seminários sobre mobilidades, assim como centros de investigação focados no mesmo tópico, têm surgido na América do Norte e do Sul. Portugal também parece interessado neste processo (Carmo e Simões 2009). A mobilidade está a disseminar-se!

É neste entusiasmante e dinâmico contexto académico que surge o trabalho de André Nóvoa. A sua pesquisa eleva as «metodologias móveis» ao seu máximo potencial, viajando ele mesmo com músicos em digressão. O estudo está enraizado na necessidade de apreender a mobilidade nos seus próprios termos. Para tanto, ele integrou o mundo de uma banda em *tournee* pela Europa na sua carrinha. O autor partilhou espaços privados com os mú-

sicos e presenciou as suas *performances*. Através deste estudo, temos uma boa percepção de como é a vida de uma banda na estrada, impossível de ser replicada por meio de entrevistas feitas em casa. Esta obra constitui não só um fascinante testemunho da experiência da estrada, e por isso estou certo de que atrairá a atenção e o interesse de todos aqueles que analisam as *performances* e as geografias musicais, como também contém uma pertinente visão sobre a mobilidade das pessoas em geral.

Cada vez mais, os indivíduos tendem a ter profissões e actividades que envolvem constantes viagens de grande curso. Na América do Norte, existe um fenómeno de relacionamentos «bicosteiros» que obriga os seus parceiros a deslocações regulares de uma costa para a outra. Na Europa, a abertura das fronteiras devido ao mercado interno implica que muita gente voe regularmente entre várias nações. Os políticos europeus, por exemplo, viajam a toda a hora entre os seus países de origem e Bruxelas ou Estrasburgo. Alguns académicos movem-se frequentemente entre universidades europeias. O estado actual dos negócios requer uma elaborada infra-estrutura de *lounges* nos aeroportos, de vias rápidas de controlo de imigração, de serviços de veículos de porta a porta, etc. Os camionistas movimentam-se no espaço continental europeu diariamente, dormindo nos seus próprios camiões ou em áreas de serviço. Compreender as várias mobilidades do século XXI está no topo da agenda académica e este estudo de André Nóvoa é um precioso contributo nessa mesma direcção.

Tim Cresswell
Universidade de Londres
Novembro de 2010